

# AS “FAMÍLIAS QUE ESCOLHEMOS” PELO FACEBOOK: NOTAS SOBRE INSEMINAÇÃO CASEIRA, TENTANTES E DOADORES<sup>1</sup>

Lucas Woltmann Figueiró<sup>2</sup>

## Resumo

O presente escrito trata da Inseminação Caseira em seres humanos. Diferentemente do que ocorre em clínicas e centros profissionais de reprodução assistida, sob o rótulo de Inseminação Caseira repousam alternativas informais e caseiras para a reprodução e constituição de arranjos familiares. Apoiado em materiais diversos (grupos temáticos na plataforma Facebook, reportagens, documentos e vídeos na plataforma YouTube), o objetivo deste artigo é analisar os modos pelos quais essa alternativa reprodutiva tem sido apresentada e que contribuições agrega para pensarmos temas tratados sob as rubricas parentesco, ciência e tecnologia. Para tal, intelectuais como Kath Weston, Marilyn Strathern, Charis Thompson e Claudia Fonseca foram consultadas como fonte de inspiração. Aliadas a outras referências que cito de forma pontual, essas intelectuais fornecem a grade teórica por meio da qual tento compreender a Inseminação Caseira e algumas de suas particularidades. As análises realizadas sugerem que, nas escolhas e práticas levadas adiante na busca pelo “sonho” da maternidade, tentantes e doadores negociam laços de pertencimento. Para tal, atuam tanto “naturalizando” aspectos que escapam de laços biogenéticos, quanto negando o que poderia ser considerado natural e irrevogável. Se em alguns momentos se atribui mais ênfase ou valor a aspectos biogenéticos, isso não impede que, de forma simultânea e proporcional, se invista na produção de outras tantas formas de conexão e pertencimento.

**Palavras-chave:** Reprodução humana. Inseminação Caseira. Parentesco. Coprodução natureza-cultura.

## “Families we choose” on Facebook: notes about Home Insemination, tempting and donors

## Abstract

The present paper deals with Home Insemination in human beings. Unlike what occurs in clinics and professional assisted reproduction centers, under the label of Home Insemination, informal and home alternatives rest for the reproduction and constitution of family arrangements. Supported by various materials (thematic groups on the Facebook platform, reports, documents and videos on the YouTube platform), the objective of this article is to analyze the ways in which this reproductive alternative has been presented and what contributions it adds to thinking about topics dealt with under the rubric's kinship, science and technology. To this end, intellectuals such as Kath Weston, Marilyn Strathern, Charis Thompson and Claudia Fonseca were consulted as a source of inspiration. Allies

---

<sup>1</sup> Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo suporte financeiro.

<sup>2</sup> Graduado em Políticas Públicas (2015), mestre em Desenvolvimento Rural (2018) e doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Contato: lucas.woltmann@ufrgs.br.

As “famílias que escolhemos” pelo Facebook: notas sobre inseminação caseira

and other references that I quote in a specific moment, these intellectuals provide the theoretical framework through which I try to understand the Home Insemination and some of its particularities. The analyzes carried out suggest that, in the choices and practices carried out in the search for the “dream” of motherhood, tempters and donors negotiate bonds of belonging. To this end, they act both by “naturalizing” aspects that escape biogenetic ties, and by denying what could be considered natural and irrevocable. If in some moments more emphasis or value is attributed to biogenetic aspects, this does not prevent that, in a simultaneous and proportional way, it is invested in the production of many other forms of connection and belonging.

**Keywords:** Human reproduction. Home Insemination. Kinship. Nature–culture co-production.

### **Las “familias que elegimos” en Facebook: notas sobre Inseminación Casera, tentadoras y donantes**

#### **Resumen**

Este artículo trata sobre la Inseminación Casera en seres humanos. A diferencia de lo que ocurre en las clínicas y centros profesionales de reproducción asistida, bajo la etiqueta de Inseminación Casera se entiende alternativas informales y caseras para la reproducción y constitución de arreglos familiares. Apoyado en diferentes materiales (grupos temáticos en la plataforma Facebook, informes, documentos y videos en la plataforma YouTube), el objetivo de este artículo es analizar las formas en las que se ha presentado esta alternativa reproductiva y qué aportes trae al pensamiento de temas tratados en las rúbricas parentesco, ciencia y tecnología. Para ello, se consultó a intelectuales como Kath Weston, Marilyn Strathern, Charis Thompson y Claudia Fonseca como fuente de inspiración. Aliadas y otras/os referentes que cito de forma puntual, estos intelectuales aportan el marco teórico a través del cual trato de comprender la Inseminación Casera y algunas de sus particularidades. Los análisis realizados sugieren que, en las elecciones y prácticas realizadas en la búsqueda del “sueño” de la maternidad, las tentadoras y donantes negocian lazos de pertenencia. Para ello, actúan tanto “naturalizando” aspectos que escapan a los lazos biogenéticos, como negando lo que podría considerarse natural e irrevocable. Si en algunos momentos se les atribuye más énfasis o valor a los aspectos biogenéticos, esto no impide que, de manera simultánea y proporcional, se invierta en la producción de tantas otras formas de conexión y pertenencia.

**Palabras-clave:** Reproducción humana. Inseminación Casera. Parentesco. Coproducción naturaleza–cultura.

## Introdução

O presente escrito trata da Inseminação Caseira (doravante, IC) em seres humanos. Diferentemente do que ocorre em clínicas e centros profissionais de reprodução assistida, sob o rótulo de IC repousam alternativas informais e caseiras para a reprodução e constituição de arranjos familiares. Apoiado em materiais diversos ocupados do tema, sobretudo grupos temáticos na plataforma Facebook<sup>3</sup>, reportagens e vídeos na plataforma YouTube<sup>4</sup>, o objetivo deste artigo é analisar os modos pelos quais essa alternativa reprodutiva tem sido apresentada e que contribuições agrega para pensarmos temas tratados sob as rubricas parentesco, ciência e tecnologia. Para tal, intelectuais como Kath Weston, Marilyn Strathern, Charis Thompson e Claudia Fonseca foram consultadas como fonte de inspiração. Aliadas a outras referências que cito de forma pontual, essas intelectuais fornecem a grade teórica por meio da qual tento compreender a IC e algumas de suas particularidades.

O contato com o tema se deu durante a realização de pesquisas sobre reprodução canina, parte de meu objeto de estudos no doutorado – a saber, criação e exposição de cães de raça. Surpreso com o assunto, talvez por minha imaginação inicialmente associar o tema da reprodução assistida a clínicas, médicos e tecnologias “de ponta”, passei a buscar mais informações nos materiais já citados, com destaque à plataforma Facebook, que desde o início se mostrou um espaço privilegiado para contatar informações e relatos de experiências.

Dentre os muitos grupos dedicados a debater a IC nesta plataforma, acompanhei particularmente dois entre os meses de fevereiro e março de 2021, “Inseminação Caseira: Tentantes & Doadores” e “Inseminação Caseira: Tentantes e Doadores – RS”. Criado em dezembro de 2014, o primeiro grupo conta com cerca de 35 mil participantes e uma média de 700 publicações/mês, enquanto o segundo, espécie de versão estadual (Rio Grande do Sul, Brasil) e fundado em agosto de 2020, já em meio à pandemia da COVID-19, conta com quase 4 mil membros e uma média de publicações semelhante. Uma breve descrição dos grupos e participantes será apresentada ao longo das próximas páginas. Por

---

<sup>3</sup> Rede social de propriedade da Facebook, Inc., criada no ano de 2004 com a missão de “dar às pessoas o poder de criar comunidades e aproximar o mundo” (FACEBOOK, 2021). Mediante cadastro, usuários dessa plataforma podem compartilhar conteúdos e interagir através de fotografias, textos, vídeos (incluindo transmissão ao vivo), criar grupos de discussão e afinidades (fonte privilegiada das reflexões deste artigo), jogar, utilizar seu *marketplace*, entre outros serviços.

<sup>4</sup> Plataforma lançada em 2005, mas desde 2006 administrada e desenvolvida pela Google, Inc. Além de vídeos gravados e transmissões ao vivo sem a exigência de cadastro, a plataforma também oferece serviços pagos de streaming de músicas e vídeos.

As “famílias que escolhemos” pelo Facebook: notas sobre inseminação caseira

agora, vale tecer breves considerações éticas e metodológicas: prezando pela intimidade dos membros destes grupos, além de não expor sua identidade, optei por fazer pequenas alterações ortográficas nas citações retiradas dos grupos e inseridas no texto – sobretudo em termos de pontuação e expansão de reduções típicas do léxico virtual (quando “porque” vira “pq”, “você” vira “vc”, etc.). Minha intenção com essas intervenções é evitar que comentários e pessoas nas quais inspiro minhas análises sejam expostas sem seu devido consentimento. Nos dois momentos onde cito vídeos da plataforma YouTube, dado seu caráter público, não vi problema em expor identidades.

No que se refere à estrutura, este artigo se divide em quatro partes, incluindo esta breve introdução. A segunda seção introduz a grade teórica que inspirou minhas reflexões e o interesse pelo tema. Na terceira seção, invisto em descrições e análises sobre como a IC é apresentada, tentando inserir suas particularidades dentro do quadro mais amplo de temas e possibilidades analíticas anunciados pelas inspirações da segunda seção. Na quarta e última seção apresento uma breve síntese desse percurso.

### **Inspirações teóricas e conceituais**

As inspirações teóricas que motivaram o presente artigo floresceram na esteira dos deslocamentos políticos e epistêmicos que Claudia Fonseca (2004, p. 17) interpretou como “transpolinização”, metáfora para expressar o produtivo adensamento de afinidades intelectuais e coalizações estratégicas entre os campos de parentesco e gênero dentro das tradições antropológicas britânica e norte-americana ao longo do último quartel do século XX. Para o que convém ao objetivo deste artigo, convém sublinhar a lição sobre os riscos de endossar naturalizações e universalizações legada por David Schneider e intelectuais feministas como Marilyn Strathern, Sylvia Yanagisako, Anna Tinsg, entre outras. Outrora evocadas e explicadas em nome do “natural”, noções de família e parentesco passaram a ser lidas como um produto social historicamente situado na experiência simbólica euro-americana. Como resultado, laços biogenéticos passaram a ser encarados pelas/os antropólogas/os como apenas um entre outros símbolos acionados com vistas a “demarcar y calcular las relaciones” (WESTON, 2003 [1991], p. 148). Temas clássicos estudados sobre a rubrica parentesco começaram a dividir espaço com temas como a constituição de famílias gays e lésbicas, o uso

As “famílias que escolhemos” pelo Facebook: notas sobre inseminação caseira

de tecnologias reprodutivas e como estas ajudam a borrar fronteiras entre natureza–cultura, relações de poder (desigualdade, repressão e violência), entre outros. Gradualmente, de forma diversa e criativa, deslocamentos do interesse analítico passaram a mirar os modos pelos quais se performavam arranjos parentais, formas de pertencimento e conexão – alguns exemplos de vocabulários possíveis para lidar com o assunto.

O legado intelectual da pesquisadora e professora de Antropologia da University of Virginia (Virgínia, EUA), Kath Weston, e particularmente seu livro “Families We Choose: Lesbians, Gays, Kinship” (1991), representa um dos muitos pilares para esses deslocamentos. Com base em uma pesquisa etnográfica realizada na Baía de São Francisco (EUA) na década de 1980, Kath Weston (2003 [1991], p. 149), estuda arranjos homoparentais construídos com base no “princípio organizativo” da “escolha”. Tecidos entre amigas/os e companheiras/os através de performances cotidianas de comensalidade, convivência de meses e anos, histórias e experiências partilhadas, apoio afetivo e/ou material, esses laços parentais são apresentados pela autora como fruto de investimentos e escolha, e não resultado de uma conexão permanente e irrevogável explicada por componentes biogenéticos. Longe de representarem substituições ou derivações de um modelo mais estruturado e antigo, esses laços construídos através do princípio organizativo da escolha são interpretados por Kath Weston (2003 [1991]) como transformações históricas. Ao colocar em perspectiva a ideia da tradicional família nuclear, a procriação sexual e a centralidade do laço biogenético, essa obra anima seu leitor a seguir o projeto analítico de desnaturalizar o que popularmente gravita em torno dos termos família e parentesco.

A antropóloga britânica Marilyn Strathern agrega novos elementos para levar um projeto desse tipo adiante. Em “Necessidade de pais, necessidade de mães” (1995), a autora apresenta a polêmica gerada em torno “nascimento virgem” na Grã-Bretanha na década de 1990. Com base em matérias de jornais, revistas, legislações, simpósios e a luz das possibilidades abertas pelo desenvolvimento de novas tecnologias reprodutivas, Strathern (1995, p. 305) narra as repercussões da escolha de mulheres solteiras, sem experiência sexual e “nenhuma intenção” de ter, de contornar relações sexuais e reproduzir “por meio da concepção assistida”. Esse objeto de estudo é pensado através de uma abordagem comparativa para com as reflexões de Bronislaw Malinowski (1983 [1929]) a respeito da vida sexual e reprodutiva dos Trobriand – um

As “famílias que escolhemos” pelo Facebook: notas sobre inseminação caseira

modelo que, de acordo com a descrição do autor, também terminaria por dissociar as relações sexuais da procriação.

Na análise de Strathern (1995, p. 317), ao destoar da expectativa ideal no modelo euro-americano de reprodução enraizado “nos fatos da natureza” (ou seja, na “continuidade direta entre reprodução social, concepção fisiológica e intercurso sexual”), as mulheres envolvidas na “polêmica do nascimento virgem” estavam contornando não apenas uma função técnica ligada ao sexo, mas simbólica. Segundo a autora, neste modelo reprodutivo as relações sexuais simbolizam a própria formação de relacionamentos. Elas serviriam de fundamento da união e do amor conjugal no qual o amor familiar se basearia, numa espécie de “visão relacional do significado do intercurso sexual” (STRATHERN, 1995, p. 313). Ao fecharem as portas para a possibilidade de estabelecer relacionamentos íntimos (qualquer tipo de relação, hétero ou homoafetiva), as mulheres do “nascimento virgem” estariam se valendo das tecnologias a sua disposição para contornar “aquelas relações de parceria que formam os alicerces da vida familiar” (STRATHERN, 1995, p. 314). Com análises afiadas, a autora não apenas atua desfazendo suposições euro-americanas sobre parentesco, natureza e cultura, como fornece bases para um projeto analítico dedicado a sublinhar a “natureza construída da compreensão do processo natural pelas pessoas” (STRATHERN, 1995, p. 316).

A pesquisadora e professora da University of California (Berkeley, EUA), Charis Thompson, nos traz mais elementos nesse sentido, especialmente em “Strategic naturalizing: kinship in an infertility clinic” (2001), capítulo da importante coletânea editada por Sarah Franklin e Susan McKinnon, “Relative Values: Reconfiguring Kinship Studies” (2001). Colocando em relevo novas tecnologias reprodutivas (como gestação substitutiva e fertilização *in vitro*) e seis instigantes casos etnográficos, a autora descreve e analisa como se dão as negociações e a coprodução entre conceitos naturais e sociais nos arranjos parentais constituídos no cotidiano de clínicas de infertilidade na Califórnia (EUA) na década de 1990. Para tal, Thompson (2001, p. 197) critica tanto a implosão “contraproducente” do dualismo natureza-cultura, quanto alguma predileção explicativa por um ou outro. Em sua abordagem, seguir a noção de “coprodução” convida a observar como, dentro daquilo identificado como biogenético, pulsam, embutidos, elementos sociais sem os quais não teria sentido ou relevância. Sua etnografia demonstra como, através das tecnologias reprodutivas

As “famílias que escolhemos” pelo Facebook: notas sobre inseminação caseira

à disposição, as pessoas fazem escolhas, reivindicam ou rejeitam vínculos de ancestralidade e descendência, ideologias em torno de sangue, genes, nacionalidade, etnia, entra outras (THOMPSON, 2001, p. 177–178).

Na esteira dos estudos sociais da ciência e tecnologia e sua potência para pensar o parentesco, contribuições da antropóloga norte-americana Claudia Fonseca, pesquisadora e professora vinculada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Brasil), também precisam ser sublinhadas. Em “Os emaranhados fios de pertencimento” (2019), a autora examina como pessoas com hanseníase internadas de forma compulsória pelo Estado brasileiro durante quase 50 anos do século XX, lidaram com o violento afastamento dos membros da família (pais, filhos, irmãos), e os caminhos trilhados em busca de reparação. Além de dar atenção a laços produzidos através da experiência comum da doença, apoio e cuidado, Fonseca (2019) se vale de uma abordagem crítica fornecida pelos estudos sociais da ciência e tecnologia para chamar atenção para as materialidades e os entes não humanos relevantes na construção de laços de pertencimento nessa arena. Nesse ínterim, corpos, bacilos, copos, cuspe, serviços de saúde, medicamentos, testes de DNA, documentos, instrumentos jurídicos, telefones celulares que permitem reviver certa lembrança, entre outros tantos mediadores materiais, são trazidos ao primeiro plano da análise. O vínculo genealógico, antes protagonista nos estudos clássicos do parentesco, passa a dividir o palco com “muitos conectores materiais e imateriais possíveis” (FONSECA, 2019, p. 34). Dentro da abordagem levada adiante pela autora, as materialidades não seriam

[...] adjuntos destinados a facilitar ou impedir a manifestação de estruturas profundas. Não são “variáveis contextuais” que podem produzir variações sobre um tema de longa duração. Nem fornecem um mero “pano de fundo” para o grande drama dos valores familiares. São co-constructores ativos de sensibilidades particulares ligadas à ideia de pertencimento. [...] (FONSECA, 2019, p. 33)

No que convém ao objetivo do presente artigo (e talvez levemente diferente do que propôs a autora), não atento a mediações materiais “ao invés de estrutura ou mesmo de escolha” (FONSECA, 2019, p. 20), mas sim *pari passu* a noção de “escolha” nos termos de Kath Weston. O que uma costura analítica entre Weston e Fonseca pode legar para a compreensão da IC nos modos pelos

As “famílias que escolhemos” pelo Facebook: notas sobre inseminação caseira

quais vem sendo conduzida nos grupos de discussão e afinidades consultados no Facebook? Obviamente que, ao tecer minhas análises, estarei transcendendo o universo de pesquisa e a proposta inicial dessas autoras, mas faço isso de forma consciente e apenas com a intenção de inserir as particularidades da IC dentro do quadro mais amplo de temas e possibilidades analíticas abertas por essas referências. O mesmo pode ser dito de Strathern e Thompson. A luz de ambas, passei a me perguntar o que acontece com “o parentesco” ou “a família” quando são constituídos não apenas em locais já convencionais (clínicas especializadas em reprodução assistida e suas tecnologias), mas também através de uma seringa e uma doação de sêmen não anônima feita em um banheiro de hotel? Como a IC pode nos ajudar a seguir desnaturalizando a ligação entre relações sexuais e procriação, e, mais ainda, nos apontar um caminho para observar desigualdades e relações de poder nesse ínterim? Como categorias consideradas sociais e naturais são negociados a luz das particularidades da IC? Sem pretensão de respostas finais, questões como essas são abordadas na próxima seção.

### **Escolhendo pelo Facebook:** Inseminação Caseira, descrições e análises

Para alguém que até então não era usuário da rede social Facebook, meu primeiro contato com sua plataforma exigiu algumas introduções. Superados os desconhecimentos iniciais de seu uso, passei a reparar com mais atenção na estética, na composição e em algumas das narrativas encontradas nos grupos apresentados na seção que abre esse artigo. Ambos vinham carregados com emojis (representações gráficas de pessoas, coisas e situações inseridas junto ao texto) ilustrativos, como o arco-íris símbolo do movimento LGBTQIA+<sup>5</sup>, uma mulher grávida, uma mulher segurando um bebê, e casais hétero e homoafetivos. Nesses e em outros grupos dedicados à IC, encontrei imagens de fundo que iam desde ilustrações digitais do momento exato do encontro entre espermatozoide e óvulo, até desenhos de parques públicos e pessoas colaborando na plantação de sementes, sua irrigação e contemplação, todas com um forte senso de união e vida. Um olhar detido aos integrantes desses grupos apresenta arranjos parentais de composição diversa: mulheres solteiras ou casais hétero e homoafetivo (majoritariamente lésbicas, mas também homens

---

<sup>5</sup> Sigla utilizada para referir a lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queer, intersexo, assexual, pansexual.

As “famílias que escolhemos” pelo Facebook: notas sobre inseminação caseira

trans), alguns já com filhos e outros tentando seu primeiro, bem como, homens (hétero e homossexuais, solteiros e casados) dispostos a doar espermatozoides. Dessa pequena descrição se entende o porquê da utilização das categorias “tentantes” e “doadores” para se referir às diferentes contribuições na realização da IC. Tentantes e doadores de todo Brasil podem ser encontrados nos grupos, até mesmo naquele que se propõe estadual (Rio Grande do Sul).

Seguindo a organização proposta pela plataforma (das publicações mais recentes às mais antigas), passei a analisar alguns dos tópicos criados (tema, forma que são apresentados, ideias-chave) e os comentários que se seguiam. Aos poucos percebi que a rede social Facebook servia não apenas como fonte de informação e diálogo para curiosos e interessados em conhecer e/ou tentar essa alternativa reprodutiva, mas instrumento e espaço para escolha e aproximação de tentantes e doadores. Conceitos e ideias que fui contatando nessa arena passaram a remeter a temas e abordagens analíticas apresentados na seção anterior. De modo geral, nos grupos que acompanhei foi comum tentantes solicitarem doadores com base em certos critérios considerados importantes para sua escolha – como o local onde o doador reside ou até onde pode se deslocar, características fenotípicas, entre outras, como veremos nas próximas páginas. Doadores, por sua vez, teciam descrições do que ofereciam e, em alguns momentos, os critérios que possuíam na escolha das tentantes que pretendiam atender. Quando lia sobre “escolhas”, Kath Weston (2003 [1991]) logo vinha a mente. Arranjos familiares criativos e diversos estavam sendo construídos com base no “princípio organizativo” da “escolha”, sendo fruto de investimentos (afetivos e financeiros) e não de alguma conexão biogenética dada e permanente – o que, como espero demonstrar, não significa desconsiderar aspectos “naturais”, antes o contrário. No entanto, diferente do que propôs Kath Weston com base em seu universo de pesquisa, no que se refere às ideias em torno da IC, uma das partes que viabiliza a constituição dessa família escolhida pelo Facebook, o doador, não deveria – ao menos em tese e de acordo com uma conduta ética aberta à resignificação – adensar laços de amizade, convivência, apoio afetivo ou material.

Antes de seguir por esse caminho, no entanto, um breve desvio é necessário. Inspirado pela leitura de Claudia Fonseca (2019), passei a observar as conexões materiais que resultavam dessas “escolhas” e/ou as tornavam possíveis. Inicialmente a própria plataforma Facebook, computadores, celulares, substâncias (sêmen doado) se

As “famílias que escolhemos” pelo Facebook: notas sobre inseminação caseira

apresentaram como mediadores importantes. Porém, adensando as experiências compartilhadas nos grupos e tentando construir uma ideia geral do procedimento de IC, me vi cada vez mais diante de materialidades sem fim, todas de grande relevância para a realização do “sonho” de ser mãe e constituir uma família – sentimento evocado de forma recorrente nos grupos, por tentantes e doadores.

Após as escolhas entre tentante e doador (algo nem sempre simples, como indico após esse breve desvio), os próximos passos sugerem o contato e a aproximação entre ambos. Nesse ínterim, celular e canais de comunicação como Facebook, WhatsApp, são acionados. Indica-se investir na realização de exames pelo doador (teste de HIV, Hepatite B e C, HPV, espermograma) e tentante (exames ginecológicos “de rotina” e teste de ovulação). A ideia é resguardar a saúde, segurança e eficiência do procedimento. Para saber o momento mais adequado para saltar do contato inicial (virtual ou presencial) à partilha de substâncias (sêmen) em si, é necessário acertar os ponteiros com o doador – alinhar a disponibilidade do mesmo em se deslocar para a realização do procedimento com o período fértil da tentante. Nesse momento é preciso decidir e colocar em prática a logística do procedimento. Transporte, hospedagem, alimentação e outros aspectos são requisitados ou oferecidos a doadores nos acordos entre ambos.

Em termos técnicos, a IC consiste em um procedimento de coleta do sêmen de um doador e sua posterior inserção no colo do útero da tentante através de uma seringa. Pelo que pude acompanhar nesses grupos e em vídeos na plataforma YouTube (JUNIOR, 2019; 2020), dois procedimentos parecem populares. Um deles envolve a utilização de seringa (5, 10 ou 20 ml) e pote de plástico (onde o sêmen doado deve ser armazenado após a masturbação do doador). Sozinha ou, no caso de possuir uma/um companheira/o, com sua participação, a tentante é orientada a absorver o sêmen com a seringa e o introduzir na cavidade vaginal. Outro procedimento, menos incentivado e por vezes contestado, traz além do pote da coleta do sêmen, o uso de espéculo (como forma de abrir o canal vaginal) e uma “seringa de insulina” para inserção do sêmen. Outros comentários nos grupos dão conta de mais instrumentos utilizados, como o uso de cateter acoplado à seringa, algo constantemente denunciado pelo potencial risco de danos à saúde da tentante. Em seu canal do YouTube, “Inseminação Caseira Amor ao Próximo”, Paulo Junior, doador participativo nos grupos do Facebook, aconselha que a tentante planeje um roteiro

As “famílias que escolhemos” pelo Facebook: notas sobre inseminação caseira

para o procedimento da IC: onde o doador vai ficar? No banheiro? No quarto ao lado? O procedimento será realizado de forma individual ou acompanhada da/o parceira/o? Como tudo será encenado? (JUNIOR, 2019).

Qual seja o planejamento levado adiante, um certo nível de constrangimento entre as partes surge em algumas das experiências compartilhadas nos grupos. Isso inclui tanto tentantes que se envergonham por estar na cama de pernas abertas quando o doador sai do banheiro rumo à saída, quanto para doadores que, como indica um relato pessoal, saiu do banheiro e se surpreendeu com “uma plateia olhando você com o potinho na mão”, incluindo “esposa, tia, mãe, primo” (FACEBOOK, 2021 [2014]). Mesmo que isso possa gerar certo grau de constrangimento para alguns, outros membros da família podem acompanhar o momento de fecundação, seja para dar segurança ou apoio emocional à tentante. Às vezes, não há sequer constrangimento. Relatos também dão conta de climas descontraídos onde o companheiro da tentante inclusive celebrou e riu até altas horas com o doador após sua mulher realizar o procedimento de IC (FACEBOOK, 2021 [2014]). A imagética naturalizada de relações sexuais íntimas entre homem e mulher que leva à concepção cede espaço para outras dinâmicas.

Para informar e dar suporte às tentantes, muitos tópicos são abertos para tratar de dúvidas. Neles se apresentam testes de ovulação, de gravidez, se compartilham dúvidas e experiências sobre o que o estado do muco vaginal (cor e textura a partir de fotos de pedaços de papel utilizados) pode informar, sobre o risco de sangramentos inesperados, sobre alguns sintomas pós-inseminação (como dor ao urinar, cólicas que são relacionadas ao ar que entra na seringa durante o procedimento, etc.), sobre os riscos dos instrumentos usados estarem expostos a uma possível contaminação por bactérias e fungos, entre outros. Dicas do que consumir para estimular a fertilidade e/ou facilitar a concepção são igualmente solicitadas e oferecidas entre tentantes, como, por exemplo, água inglesa, elixir de inhame, abacaxi, chá de unha de gato, uxi amarelo e remédios indutores da ovulação (também em muitos casos apontados como perigosos sem a devida orientação médica). Substâncias corporais como sêmen, sangue, muco, se relacionam com potes, seringas, pedaços de papel higiênico, bactérias, fungos inesperados (e indesejados), alimentos, chás, medicações e, considerando que os agendamentos para IC seguem em plena pandemia de COVID-19, porque não o próprio vírus, máscaras e

As “famílias que escolhemos” pelo Facebook: notas sobre inseminação caseira

fracos de álcool em gel. Não há como desconsiderar o protagonismo dessas materialidades e socialidades mais que humanas em curso.

Mas não quero deixar as escolhas de lado. Materialidades e escolhas caminham de mãos dadas. Em reportagens (vide, por exemplo, BBC, 2017) e nos grupos que acompanhei, foi comum me deparar com comentários indicando que, com vistas a concretizar o sonho de ser mãe, a IC representava tanto uma alternativa mais acessível financeiramente se comparada à reprodução assistida oferecida em clínicas especializadas, quanto solução mais flexível e adaptada aos desejos de tentantes se comparada à adoção. Mas isso não significa que a IC seja para todas/os, há muitos elementos a serem escolhidos e negociados. Vejamos o exemplo do maior e mais antigo grupo que acompanhei (FACEBOOK, 2021 [2014]). Em um tópico fixo listam-se as “regras básicas” para o funcionamento da IC: afirma-se o (i) caráter sem custos da atividade; a importância de (ii) que seja “feita sem contato sexual/íntimo com a receptora, porque trata-se de algo sem envolvimento sentimental”; (iii) que, “após a fertilização e a gravidez confirmada”, o doador deve “afastar-se completamente da família receptora”; (iv) que o doador sequer pergunte os nomes do casal ou tentante; e (v) que tentantes fujam de pessoas que “só querem sexo” ou “exigem fazer/observar o momento da inseminação”. Afora as lições que essas regras legam sobre o que se espera da realização da IC (evitar o intercuro sexual e qualquer envolvimento afetivo-sentimental), os comentários que se seguiram tornaram tudo mais interessante.

Tudo começou com denúncias de tentantes sobre doadores que cobravam “a tentativa” (de R\$ 50 a R\$ 200) e todo custo da logística (transporte, hospedagem, alimentação) para o procedimento, tornando a realização desse sonho algo ainda assim inacessível financeiramente para muitas. Semelhante às recomendações éticas para procedimentos de reprodução assistida em clínicas especializadas (CFM, 2013), nos grupos temáticos do Facebook é constantemente reiterado que a doação não deve ter caráter lucrativo ou comercial nos procedimentos de IC. No entanto, o aparente incômodo com a necessidade de a tentante custear a logística gerou uma reação intensa entre doadores e tentantes que não viam motivos para esse tipo de reclamação e, em muitos casos, se sentiam desrespeitados e desprestigiados a despeito de sua essencial ajuda na realização

As “famílias que escolhemos” pelo Facebook: notas sobre inseminação caseira

desse sonho. O comentário de um doador é esclarecedor de muitos que se seguiram:

[...] todas as regras são para doadores, porém, ninguém fala sobre a tentante que coloca o doador em um banheiro sujo para doar, nem sobre a tentante que pede ao doador que se locomova até ela de ônibus e não de Uber. Ou sobre a tentante que fala que vai depositar o valor e não deposita. Ou sobre a tentante que te criminaliza e quando você chega na casa tem 4, 5, 6 pessoas lá, por que ela é o alecrim dourado que acha que você vai fazer algo a força. Ou sobre a *tentante que não tem a mínima condição financeira ou psicológica de ter um filho, mas você só descobre isso quando chega lá*. Ou sobre a tentante que corre atrás do doador pra pagar pensão [...]. Não sei como ainda tem doador e, por favor, *escolham bem suas tentantes*, porque entre todas a pior é a que tem raiva de homem e independente do carinho que você a trate, te criminaliza! (FACEBOOK, 2021 [2014], *grifo nosso*).

Além de endossarem a opinião deste doador, muitas tentantes passaram a demonstrar preocupação que posturas ingratas ou excessivamente exigentes pudessem afastar doadores. Como desabafa uma tentante, “se seguir assim, daqui a pouco não teremos doadores e, infelizmente, nem todas conseguem recorrer a uma clínica!” (FACEBOOK, 2021 [2014]). Como o comentário grifado na citação antes destacada sugere, doadores são aconselhados a escolher bem suas tentantes, e ao que parece, essas avaliações incluiriam ponderar sobre as condições financeiras e psicológicas das tentantes interessadas. Em alguns momentos essas avaliações são justificadas como forma de prezar pelo futuro da criança, pois como sugere um doador ao se revestir de alta responsabilidade na decisão, “é uma vida que será colocada ao mundo” (FACEBOOK, 2021 [2014]). Mas essa escolha feita pelo doador também responde a uma boa dose de precaução com possíveis prejuízos pessoais no futuro. Para doadores, o risco de ser acionado em uma solicitação de reconhecimento da paternidade e pagamento de pensão é fonte de temor, e isso na medida em que, diferente de procedimentos realizados em clínicas especializadas de reprodução assistida, o caráter anônimo não é garantido na IC. Tentantes igualmente temem que, no futuro, o doador venha a reivindicar presença na vida da criança. Somados, esses motivos ajudam a explicar perfis fakes (identidade fictícia) e tentativas de realização da IC sem nenhuma troca de informações privadas, sem exames ou mesmo na posse de exames com identificação rasuradas (em muitos casos denunciados como falsos). Em um ambiente de desconfiança, surpresas e decepções podem afetar

As “famílias que escolhemos” pelo Facebook: notas sobre inseminação caseira

a disposição ou interesse em ajudar na realização de sonhos alheios:

Depois de tanto tempo em grupos de Inseminação Caseira, o que eu mais vejo são tentantes que não tem a mínima condição financeira e psicológica de ter uma criança. Algumas se amigaram a pouco com a pessoa que se relaciona e querem brincar de boneca, algumas não tem emprego, nem renda. E aí o que acontece? O doador acaba pagando por isso e depois que sofre as consequências, para de doar. Acho que o doador também deve fazer suas exigências básicas para tentar se precaver de futuros problemas. Então não sei até que ponto não saber da vida da tentante é válido. (FACEBOOK, 2021 [2014]).

Um nível calculado de envolvimento e confiança surge como alternativa na perspectiva de muitas tentantes e doadores. Como sintetiza um doador, conhecer a tentante e sua família representa “a única forma de filtrar informações e tomar as decisões” (FACEBOOK, 2021 [2014]). Se de acordo com a Resolução 2.013/13 do Conselho Federal de Medicina, dedicada a orientar a conduta e ética em torno do uso de técnicas de reprodução assistida realizadas em clínicas do ramo, “é permitido o uso das técnicas de RA [Reprodução Assistida] para relacionamentos homoafetivos e pessoas solteiras, respeitado o direito da objeção de consciência do médico” (CFM, 2013, p. 4), no caso da IC, esse direito da objeção de consciência passa a ser facultado ao próprio doador. Mesmo carecendo de uma análise mais profunda, creio ser importante nos perguntarmos se, à sombra desse direito da objeção de consciência e da escolha feita pelo doador, não poderiam germinar estereótipos que moralizam a pobreza ou idealizam certas maternidades (SARMENTO, 2020). Será que naquilo que se considera as condições financeiras e psicológicas adequadas para o exercício da maternidade não estão embutidos julgamentos sobre o tamanho e as condições da residência, das roupas utilizadas, do tipo de ocupação laboral ou sua ausência, do nível educacional, de sua maior ou menor preocupação com os custos da logística, entre outros? Escolhas podem ser cruzadas e limitadas por desigualdades que condições materiais denunciam.

As escolhas feitas pelas tentantes também suscitam cuidados importantes. Nos grupos, são recorrentes avisos às tentantes sobre o risco de assédio sexual, de “doadores” (em aspas, pois seu estatuto enquanto tal é questionado) que defendem a necessidade ter relações sexuais, se masturbar e ejacular diretamente na vagina, ou mesmo um insistente desejo de ver o procedimento de

As “famílias que escolhemos” pelo Facebook: notas sobre inseminação caseira

inseminação. A proposta de “sexo” ou “método natural” (FACEBOOK, 2021 [2014]) é encarada como um desrespeito aos sonhos nutridos pelas tentantes, e notas de cuidado muitas vezes vem acrescidas com indicações de nomes suspeitos. Essa comunicação tem uma função de alerta e prevenção. Na opinião de uma tentante, “os grupos de IC estão infestados desses nojentos assediadores, que não são doadores bonzinhos querendo ‘ajudar’ não, são apenas ridículos incapazes de arrumar mulher e fizeram da Inseminação Caseira um alimento para seus fetiches nojentos de gozar dentro de mulher!” (FACEBOOK, 2021 [2014]). A conotação negativa que a proposta de sexo ganha na IC fica explícita no comentário de outra tentante:

Tem alguns homens que não entendem né?! A mulher, se quisesse transar, ficaria com um cara, engravidaria, faria uma produção independente! Ela quer um doador PORQUE ELA NÃO QUER NENHUM CONTATO SEXUAL!<sup>6</sup> (sic) (FACEBOOK, 2021 [2014])

Longe de qualquer função simbólica ligada à constituição de relacionamentos e do amor familiar (STRATHERN, 1995), justificativas de doadores em defesa da necessidade de relações sexuais são denunciadas como repugnantes, fonte de desrespeito e risco. A masturbação necessária para a coleta do sêmen (desde que num banheiro, privado) e, por ventura, carinhos e preliminares sexuais entre o casal de tentantes no âmbito de sua intimidade (como forma de estimular o corpo a ficar mais receptivo para o sêmen), são parte do roteiro esperado para a IC. Obviamente isso não significa que relações sexuais não sejam importantes para essas famílias constituídas através da IC. Podem ser fonte de prazer e mesmo símbolo da união e afeto, no entanto, elas não estão relacionadas à procriação conduzida através da IC, onde a relação entre doador e tentante deve ser instrumental. Se, à luz do contexto britânico, Strathern (1995) sugere que um homem que deseja uma relação sexual, mas não o filho que dela resulta, é “culturalmente concebível”; no caso da IC, o homem que deseja uma relação sexual é nojento e não está respeitando a família tentante, enquanto o homem que sequer considera a criança resultante, é compromissado e ético com seu papel de doador – e isso não é apenas concebível, mas estimulado por tentantes e doadores.

---

<sup>6</sup> Na internet e em aplicativos de comunicação remota (WhatsApp, Telegram, etc.), o uso de caixa alta costuma indicar um tom de voz elevado e/ou grito. Nesta citação, seu uso também parece reforçar a indignação da tentante ao reafirmar esse princípio.

As “famílias que escolhemos” pelo Facebook: notas sobre inseminação caseira

Mas há outros critérios-chave nas negociações e escolhas feitas por tentantes. São muitos os tópicos de tentantes solicitando doadores de certo tipo e doadores se oferecendo à escolha. Esses tópicos funcionam como registros abertos e dinâmicos de características procuradas ou disponíveis à escolha. Aspectos como localidade (pensando em questões logísticas e seus custos), características fenotípicas (cor do cabelo, dos olhos, da pele, altura), aspectos relativos à ancestralidade (étnica/racial, nacional, histórico familiar de saúde), capacidade intelectual, convicções morais, culturais, religiosas, de cuidado e/ou sucesso pessoal, entre outros, contam. A primeira impressão é a de anúncios em classificados de jornais. Pequenos textos codificados são apresentados por doadores, como, por exemplo:

Filho de Russos, 1.85 m, 80 kg, 100% saudável, alto QI, formação superior, bom nível socioeconômico e cultural, [...] possui testes genéticos do meu DNA. (FACEBOOK, 2021 [2014])

Cabelo castanho claro, olhos mel/verde, doador de sangue, bisavós e avós passaram dos 90 anos de idade, sem casos de câncer na família, 100% saudável, alto QI, pós-graduado, autodidata. (FACEBOOK, 2021 [2020])

Descendente de famílias europeias (polonesa, ucraniana, alemã e espanhola), família cristã, pele branca, cabelo castanho um pouco cacheado, olhos azuis acinzentados, 72 kg, 1,78m, 25 anos de idade. (FACEBOOK, 2021 [2020])

Olhos castanhos claros. Descendência Libanesa, Italiano e Português. Alimentação saudável, pratico esportes. Não fumo, não tenho doenças hereditárias. Exames sempre em dia. Doo sangue regularmente, sou doador de medula óssea e doador de órgãos. Não cobro e não exijo sexo. (FACEBOOK, 2021 [2014])

Nesses relatos, classificações sociais dos corpos e seu pertencimento são acionados, ofertados e correlacionados à doação de substâncias corporais, particularmente o sêmen, e sua possibilidade de transmissão à prole<sup>7</sup>. Não há como desamarrear categorias naturais e sociais. Como afirma uma tentante ao elogiar seu doador, trata-se de alguém “respeitador, bom caráter, um cara que adoramos conhecer e que temos orgulho do nosso filho carregar a carga genética dele” (FACEBOOK, 2021 [2020]). Nessa

---

<sup>7</sup> Essa lista de exigências se mostrou mais robusta do que a orientação colocada a clínicas especializadas em reprodução assistida, que segundo aconselha a Resolução 2.013/13 do Conselho Federal de Medicina, “devem manter, de forma permanente, um registro de [...] características fenotípicas” dos doadores e a garantia do maior grau de semelhança possível com a tentante (CFM, 2013, p. 6).

As “famílias que escolhemos” pelo Facebook: notas sobre inseminação caseira

pequena citação, genética e caráter, como categorias naturais e sociais, respectivamente, se implicam para produzir o orgulho que essa família dispensa ao filho, herança material deste doador e sua retidão moral. Como lembra a antropóloga Janet Carsten (2014, p. 113), pesquisadora e professora na University of Edinburgh (Edimburgo, Escócia), o parentesco “provê um reino imaginativo” profícuo “sobre quem somos [...], nossas conexões no presente, assim como com gerações do passado, e com os não-nascidos”. Isso vale igualmente para tentantes. Ao anunciarem as características exigidas para doadores, elas informam expectativas sobre aquilo que desejam dar continuidade em suas/seus filhas/os:

Procuo um doador de São Paulo. *Cor parda e olhos claros, pois minha esposa tem olhos claros e quero que venha com um pouco das características dela.* (FACEBOOK, 2021 [2020], *grifo nosso*)

Boa tarde. Tenho 32 anos, sou casada pela segunda vez, tenho uma filha de 6 anos. Meu marido fez vasectomia há 10 anos, [mas] gostaria muito de ser mãe novamente. Queria saber se tem algum doador de Porto Alegre [Rio Grande do Sul], branco, cabelos escuros, *queremos com as características parecidas com a do meu marido!* Desde já agradeço. (FACEBOOK, 2021 [2014]), *grifo nosso*)

Como essas citações e outros comentários parecidos indicam, muitas tentantes se preocupam (e guiam suas escolhas a partir daí) com o fato de o doador possuir, e por extensão ter a capacidade de transmitir à prole, características semelhantes às suas e de sua/seu companheira/o. A naturalidade com que isso é reivindicado transparece em alguns comentários, pois como afirma uma tentante, “o sonho de quem está gerando é que a criança possa ter o mínimo que seja de algumas características do seu companheiro (a), e faz todo sentido né? *É algo óbvio*” (FACEBOOK, 2021 [2014], *grifo nosso*). Um tópico sobre o tema inclusive foi criado para tratar da repreensão moral que algumas tentantes vinham sofrendo ao compartilhar suas exigências. Sua criadora exigiu que integrantes do grupo parassem de “julgar a escolha das pessoas em relação a características do doador”, afinal, “se alguém for negra e quiser um filho branco, e daí? Se alguém for branca e quiser um filho negro, e daí? *A escolha é dela*, o filho será dela, quem vai gerar e cuidar é ela e a (o) companheira (o) caso tenha” (FACEBOOK, 2021 [2014], *grifo nosso*).

Me valendo das análises de Claudia Fonseca (2008, p. 775), acredito que esse tipo de escolha surge como forma de estreitar laços parentais, pois muito além “de simplesmente reafirmar a

As “famílias que escolhemos” pelo Facebook: notas sobre inseminação caseira

preeminência” do que remete ao “biológico”, esses exemplos de busca por semelhança entre companheiras/os e filhas/os justamente quando não guardam vínculos biogenéticos tais quais a tentante-gestante, “servem para mostrar como pessoas, em situações precisas, vão reconfigurando noções sobre o laço biogenético, criando novos significados”. Tais escolhas, nesse sentido, podem ser lidas como “estratégias informais para ‘naturalizar’ a relação” (FONSECA, 2008, p. 775). No entanto, a “natureza” simbolizada no sangue, na genética e afins, também pode ser fonte de algumas angústias para a realização da IC. A popularidade de certos doadores, não raro exaltada como fonte de orgulho pelos mesmos e motivo para indicação entre tentantes, também surge como objeto de preocupação: e se as crianças que partilham o mesmo doador (sendo, portanto, irmãos biológicos) se encontrarem? Alguns relatos de Paulo Junior, membro assíduo dos grupos que acompanhei e promotor de canais para divulgação e informação sobre IC (JUNIOR, 2019; 2020), agregam elementos interessantes:

Tenho mais de 60 positivos, a maioria já nascidos, e não tenho contato com nenhum. [...] (FACEBOOK, 2021 [2020])

Uma positiva minha [tentante que teve sucesso na realização da IC, engravidando] fez um grupo onde só estão algumas positivas minhas lá, exatamente porque elas querem ter contato entre elas para saber onde estão os irmãos. A maioria das minhas positivas não estão lá, mas algumas são preocupadas quanto a isso, porque geneticamente eles são irmão por parte do doador. (FACEBOOK, 2021 [2014])

É interessante notar que Paulo considera os frutos de sua doação como geneticamente irmãos, e isso não por parte de pai, mas do “doador”. A irmandade se sustenta em nome da genética, mas a paternidade e a filiação se diluem em nome de um código de ética relativo à IC assumido e promovido pelo próprio Paulo. Em vídeo publicado em seu canal do YouTube, “Porque ser Doador de sêmen de IC (inseminação caseira)?” (JUNIOR, 2020), Paulo equipara a doação de sêmen a atos como doar sangue, medula e alimento para quem tem fome. O ato de doar é concebido como ato de amor, sentimento de ajuda ao próximo. Para Paulo e como muitos nos grupos defendem, “toda mulher tem direito de ser mãe, ela nasceu para ser mãe”, de modo que doar é ajudar o “sonho de uma tentante virar mãe” (JUNIOR, 2020). A concretização da IC e a realização do sonho faz tentantes se transformarem em mães, mas estaciona doadores como doadores:

[...] Doador, se desprenda da doação. *O filho não é seu, o filho é da tentante. Você é apenas o transporte que fez isso acontecer, que ajudou isso a acontecer.* Tenta se desprender de tudo isso e entender isso. *Você doou o material seu para ela, é dela, o filho dela.* Não se envolva mais com tudo isso, não tenha sentimento porque o filho é dela. (JUNIOR, 2020, *grifo nosso*)

Uma suposta naturalidade da ligação genética é represada pelo compromisso ético e benevolente da doação e seu caráter instrumental (em tese isento de qualquer tipo de sentimento ou envolvimento), que dissocia o fruto da doação da categoria “filho”. Vale mencionar que a aparente maioria dos comentários nos grupos parecem endossar que, como crava uma tentante, “de modo algum pode haver relação afetiva nesse tipo de relação”, algo que também fica nítido no desestímulo à realização de IC entre amigos e o incentivo com pessoas “desconhecidas”, contornando uma possível exigência de presença na vida da criança que essa intimidade com o doador incitaria (FACEBOOK, 2021 [2014]). Os filhos são das tentantes (ao menos até alguma reivindicação legal que vise a participação na vida da criança), porém, a represa fixada pelo compromisso ético da doação não filtra a preocupação de tentantes com o alto número de “positivos” assumidos por Paulo e outros doadores. Imersas nessas preocupações, versões do que família significa e dúvidas sobre alguns riscos abertos por essa alta taxa de sucesso germinam. Para muitas das tentantes de ambos grupos (FACEBOOK, 2021 [2014; 2020]), “família é onde se cresce e tem amor”. Umhas, mais que outras, são categóricas em rejeitar a relevância do vínculo genético com o doador, sugerindo que, ainda que crianças partilhem o mesmo doador, “de forma ética, o filho não é do doador, então não tem irmãos. É da família”. Por outro lado, algumas tentantes concedem mais relevância aos vínculos genéticos guardados com o doador, sugerindo não apenas estarem abertas a revelar tudo à filha/o caso queira conhecer possíveis irmãos, mas nutrindo dúvidas populares sobre possíveis riscos associados à reprodução entre parentes consanguíneos:

Como de forma genética é do doador, penso se, por um acaso do destino, eles se encontrarem e tiverem um filho. Será que isso geraria um bebê com problemas genéticos, como ocorre as vezes em primos de primeiro grau? (FACEBOOK, 2021 [2014])

Tem que pensar: se o cara faz 35 doações na mesma cidade e são 35 positivos consanguíneos, de sangue, serão 35 irmãos sim. Não estou

falando que são irmãos de criação, que o cara é pai, não, mas estou falando que no DNA são irmãos, e se ficar todo mundo na mesma cidade, essas crianças viram adolescente, crescem e podem se apaixonar e namorar sim. É preciso ter cuidado... (FACEBOOK, 2021 [2014])

Antes fonte de alegria por facultar a partilha e continuidade de certas características junto às filhas/os, em situações como essa, passa a ser preciso ter cuidado com a genética. Esse cuidado não seria exclusividade dos grupos dedicados à IC que acompanhei, como indica a própria Resolução do CFM já mencionada ao sugerir que “o registro dos nascimentos evitará que um(a) doador(a) tenha produzido mais que duas gestações de crianças de sexos diferentes, numa área de um milhão de habitantes” (CFM, 2013, p. 6). A genética surge como um entre outros tantos elementos que compõe os cálculos e os idiomas parentais, como fonte de inspiração e/ou temor. O lema é a diversidade. O doador pode ser geneticamente pai, mas socialmente construído como doador. A/o companheira/o da tentante-gestante (mãe biológica), é socialmente construída como mãe/pai através de uma genética da semelhança com a/o filha/o viabilizadas/os pelas expectativas geradas pelo material genético do doador. Frutos do mesmo doador, irmãos biológicos podem ser destituídos de sua irmandade como forma de sustentar uma negação da paternidade biológica do doador. Argumentos de toda ordem são “mobilizados para reduzir, substituir ou reforçar os laços biológicos” (CARSTEN, 2014, p. 114) e aqueles construídos com base na convivência, cuidado e amor.

### **Considerações parciais**

Começo esta seção de encerramento com uma pequena retomada de minhas inspirações teóricas e conceituais. Lendo Kath Weston (2003 [1991]), cultivei o desejo de valorizar analiticamente arranjos familiares e formas de conexão que não aquelas comumente naturalizadas (família nuclear, conjugal, heterossexual e centrada nos laços consanguíneos), bem como, curiosidade pela noção de “escolha”, alternativa conceitual àquilo, em tese, determinado por laços biogenéticos. Graças a Claudia Fonseca (2019), passei a dar o devido valor e atenção analítica às conexões materiais em jogo, repensando o ímpeto inicial de examinar apenas as representações sociais sobre a IC. Com Marilyn Strathern (1995) e Charis Thompson (2001), a curiosidade por temas como reprodução assistida, suas tecnologias e dilemas cruzavam o que

As “famílias que escolhemos” pelo Facebook: notas sobre inseminação caseira

entendemos por parentesco, bem como, a potência do conceito analítico de “coprodução”, rumaram para o centro do palco. O conjunto de minhas análises repousou em uma costura de suas lições.

Apoiado em comentários de tentantes e doadores encontrados em dois grupos de Facebook dedicados à promoção da IC e outros materiais de apoio, percebi que, nas escolhas e práticas levadas adiante na busca pela realização do sonho da maternidade, os envolvidos atuam ora negando o que pode ser considerado natural e irrevogável (como a necessidade do sexo para procriação, a centralidade irrevogável de laços biogenéticos, o modelo de família conjugal hegemônica), ora operam o movimento reverso (naturalizando tanto o próprio desejo pela maternidade, quanto semelhanças físicas ou étnicas/raciais como chave de identificação e continuidade entre mãe/pai e filha/o). Se em alguns momentos se atribui mais ênfase a aspectos biogenéticos para construção de certo vínculo familiar, isso não impede que, de forma simultânea e proporcional, se invista na produção de outras formas de conexão e pertencimento. Longe de representarem algo fixo, dado e à espera de compreensão, laços parentais parecem estar sendo negociados e performados de forma diversa e criativa. Nesse percurso, materialidades de todos os tipos surgem não apenas como artefatos que tornam algo possível (ou inviável), mas como co-construtores incontornáveis de sentimentos de pertencimento familiar. Pensando com Thompson (2001) e Fonseca (2019), sugiro que arranjos familiares estão sendo coproduzidos por celulares, computadores, contas e grupos no Facebook, viagens de carro, quartos de hotel, seringas, potes, chás, testes de gravidez, testes de ovulação, corpos, sêmen, entre outros. Enfim, investir no estudo da IC é se abrir para as formas incontáveis e diversas através das quais expectativas e laços parentais estão sendo negociados, reforçados e desfeitos.

## Referências

- BBC. British Broadcasting Corporation. **Os brasileiros que doam sêmen para inseminações caseiras**. BBC, Brasil, Cuiabá, 29 nov 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-42145205>>. Acesso em: 15 mar 2021
- CARSTEN, Janet. A matéria do parentesco. **R@U**, v. 6, n. 2, 2014, p. 103–118.
- CFM. Conselho Federal de Medicina. **Resolução N° 2.013/2013**, 2013. Disponível em: <<https://portal.cfm.org.br/images/PDF/resoluocfm%202013.2013.pdf>>. Acesso em: 30 mar 2021.

As “famílias que escolhemos” pelo Facebook: notas sobre inseminação caseira

FACEBOOK (2014). **Grupo “Inseminação Caseira: Tentantes & Doadores”**, 2021. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/groups/352244381619368/>>. Acesso em: 17 mar 2021.

FACEBOOK. (2020). **Grupo “Inseminação Caseira: Tentantes & Doadores – RS”**, 2021. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/379932779660043>>. Acesso em: 19 mar 2021.

FACEBOOK. **About**, 2021. Disponível em: <<https://about.fb.com/br/company-info/>>. Acesso em: 02 abril 2021.

FONSECA, Cláudia. De afinidades a coalizões: uma reflexão sobre a transpolinização entre gênero e parentesco em décadas recentes da antropologia. **Ilha: Revista de Antropologia**, v. 5, n. 2, p. 05–31, 2004.

FONSECA, Cláudia. Homoparentalidade: novas luzes sobre o parentesco. **Revista Estudos Feministas** [online]. v. 16, n. 3, p. 769–783, 2008.

FONSECA, Cláudia. Os emaranhados fios de pertencimento. **Mundaú**, v. 6, p. 18–36, 2019.

JUNIOR, Paulo. **Passo a passo completo IC**, Canal “Inseminação Caseira Amor ao Próximo”, 2019. 1 vídeo (22:27 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wYLaxpbY28M>>. Acesso em: 22 mar 2021.

JUNIOR, Paulo. **Porque ser doador de sêmen de IC (Inseminação Caseira)**, Canal “Inseminação Caseira Amor ao Próximo”, 2020. 1 vídeo (5:25 min) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4wVw8IUkp0M>>. Acesso em: 22 mar 2021.

MALINOWSKI, Bronislaw (1929). “A procriação e a gravidez, segundo as crenças e os costumes dos nativos”. In: \_\_\_\_\_. **A vida sexual dos selvagens**, 1983, p. 181–219.

SARMENTO, Caroline Silveira. “Os casos de Luiza e Adriana”. In: \_\_\_\_\_. **“Por que não podemos ser mães?”: tecnologias de governo, maternidade e mulheres com trajetória de rua**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020, p. 90–116.

STRATHERN, Marilyn. Necessidade de pais, necessidade de mães. **Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 303–329, 1995.

THOMPSON, Charis. Strategic naturalizing: kinship in an infertility clinic. In: FRANKLIN, Sarah; MCKINNON, Susan. **Relative values: reconfiguring kinship studies**. Durham & London: Duke University Press, 2001, p. 175–202.

WESTON, Kath (1991). Las familias que elegimos. In: \_\_\_\_\_. **Las familias que elegimos: lesbianas, gays y parentesco**. Barcelona: Bellaterra, 2003, p. 145–184.